

Katja Hölldampf

Bacharel em estudos culturais pela Universidade de Passau, Alemanha  
katja.hoelldampf@gmail.com

Eberhard Rothfuss

Professor da Universidade de Passau, Alemanha  
eberhard.rothfuss@gmail.com

---

# Auto-organização urbana em bairros desprivilegiados: possibilidades e limites para a articulação autônoma em Salvador, Bahia

## Resumo

A partir de uma perspectiva comparativa, o artigo aborda as possibilidades e restrições da auto-organização urbana em unidades de vizinhança. Por meio de uma comparação qualitativa de dois estudos de caso, Alto de Ondina e Alto da Sereia, dois bairros desprivilegiados no centro sul de Salvador da Bahia (Brasil), e levando-se em consideração as condições gerais do cotidiano de cada lugar, se depreendem indutivamente dos dados empíricos as condições idiográficas do contexto que fomentam e restringem a auto-organização. Com isto, as interpretações baseadas nos dados empíricos vão além do contexto local e regional e oferecem um conhecimento básico sobre a articulação autocentrada e autônoma. Até o momento, os processos participativos de planejamento têm se guiado no Brasil pelo senso comum no que tange a governança urbana. Enquanto estratégias participativas possam tendencialmente ser caracterizadas por cogestão, a auto-organização civil, sendo expressão de autodeterminação, consiste na articulação de interesses coletivos. Com isto, as comunidades auto-organizadas não se amoldam num enquadramento institucional ou num sistema existente e são, conseqüentemente, capazes de articular coletivamente seus interesses, opiniões e necessidades. O conceito subjacente da “Governança-Ágora/Agora-Governance”, segundo Korff e Rothfuss (2009), pode estar na base da gestão urbana sustentável, levando a um processo de negociação consensual, mas, muitas vezes, assumindo também um caráter competitivo, entre a perspectiva dos cidadãos da “cidade humana” e a perspectiva dos especialistas da “cidade da infraestrutura”.

**Palavras-chave:** desenvolvimento urbano sustentável, auto-organização urbana, processos de comunitarização, vizinhanças urbanas.

## Abstract

### URBAN SELF-ORGANISATION IN DEPRIVED NEIGHBORHOODS: POSSIBILITIES AND LIMITS OF AUTONOMOUS COLLECTIVE ARTICULATION IN SALVADOR DA BAHIA

From a comparative point of view, the given article is concerned with the possibilities and restrictions of urban self-organization within city's neighbourhoods. Drawing upon a qualitative comparison between the case studies Alto de Ondina and Alto da Sereia – two disadvantaged urban neighbourhoods in the southern city centre of Salvador da Bahia (Brazil) – and considering the conditional framework of daily life there, the idiographic context conditions that foster and alternatively impede self-organization are to be developed on data drawn from empirical surveys. Here, the data-led interpretations reach beyond the local and regional context and offer fundamental insights into auto-centered and autonomous acts of articulation. In Brazil, participative planning processes have been the common sense for urban governance. However, participative strategies tend to stand under the sign of codetermination, whereas the principles of self-determination and auto-centered articulation of collective interests are immanently present during processes of civic self-organization. Due to the fact that self-organized communities do not fall within a defined institutional framework or existing system, they are capable to articulate their needs and interests collectively. The underlying concept of "Agora Governance" in accordance with Korff & Rothfuss (2009) offers the possibility to stimulate urban management processes in a sustainable way, bringing together the civic perspective of the "human city" and the expert perspective of the "infrastructural city" into a consensual but often highly disputed negotiation process.

**Key-words:** sustainable urban development, urban self-organization, community-building processes, urban neighbourhoods.

## 1. Introdução

No Brasil, a sociedade desigual se materializa nas estruturas espaciais das aglomerações urbanas. Nos modelos convencionais de planejamento, o Estado desempenha um papel de protagonista no processo de interação entre urbanização, modernização e integração social. A escassez de perspectivas políticas para aproximar-se da questão social e a crise de soluções institucionais têm desembocado numa tática que consiste na mera aceitação da exclusão social (GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 63-66). Por conseguinte, falta uma genuína e profunda satisfação das necessidades ancoradas no espaço habitacional desprivilegiado e a superação dos desafios urbanos chega progressivamente a seus limites, com a mera implementação de instrumentos de gestão hierárquica, cunhados por uma

“racionalidade instrumental” (HORKHEIMER; ADORNO, 1988). As difíceis condições de integração das diferentes formas de vida manifestam-se particularmente nas sociedades caracterizadas por uma alta desigualdade social. Estes fatores inviabilizam a capacidade de gestão e governo das metrópoles e implicam na adoção de estratégias inovadoras de desenvolvimento urbano sustentável.

Perante este panorama, a sociedade civil, que toma iniciativa na forma de associações de moradores, por exemplo, é raramente percebida como ator competente ou considerada como parceiro cooperativo no processo de planejamento urbano. Assim, o potencial da sociedade civil no desenvolvimento urbano fica, na maior parte das vezes, ocioso, ainda que as associações de moradores e as iniciativas autônomas de autoajuda nos espaços menos privilegiados possam ser consideradas como tentativas de corrigir a ordem social desigual, se constituindo, ao mesmo tempo, em indícios da debilidade das ações do poder público. O empenho dos moradores é, muitas vezes, uma alternativa ao planejamento urbano oficial.

Resultam geralmente inadequados os conceitos que consideram a sociedade civil mediante canais de participação institucionalizados no processo de desenvolvimento urbano, porque o empenho local dos atores se restringe à conquista de certas condições básicas. Portanto, a participação não serve como instrumento de articulação autônoma dos interesses locais, porque se reduz à mera obtenção de consentimento oficial, a partir da operacionalização do conceito de planejamento *Top-Down*, através do qual transita a constelação assimétrica dos atores no espaço urbano (ARNSTEIN 1969 apud PETERMAN, 2000, p. 39-41; BERNER; PHILIPPS, 2004, p. 503-509).

Ao passo que estratégias participativas possam tendencialmente ser caracterizadas pela *cogestão*, a *auto-organização* civil, sendo expressão de autodeterminação, consiste na articulação de interesses individuais e coletivos. Com isto, as comunidades auto-organizadas não se amoldam a um enquadramento institucional ou a um sistema existente, sendo, consequentemente, capazes de articular seus interesses, opiniões e necessidades coletivamente. É essencial este processo de formação de opinião fora das estruturas institucionais para manifestar pontos de vista locais, relativos ao mundo cotidiano de toda a sociedade, sem que interesses e necessidades

sofram alterações em proveito de uma estrutura pré-existente e definida, evitando que sejam guiadas numa certa direção (ROTHFUSS, 2012).

Em consequência disso, a auto-organização local conduz à integração de bairros desprivilegiados no extenso sistema urbano e viabiliza a representação de interesses oriundos de micro-localidades, em cidades fragmentadas. As associações auto-organizadas e iniciativas semelhantes são, por um lado, depositárias de interesses diversificados, num micro-nível, e vão se representar, desse modo e de forma efetiva, no “mundo exterior”. Por outro lado, as comunidades auto-organizadas poderiam ser melhor percebidas e entendidas no processo de desenvolvimento urbano e agir de modo mais eficaz. Assim, as comunidades auto-organizadas poderiam operar como manifestação do capital social local. Neste contexto, Mayntz; Scharpf (1995) e Mayntz (2006), em particular, destacam a relevância da auto-organização para a governança do espaço urbano (KORFF; ROTHFUSS, 2009, p. 361-365).

O presente artigo discute a auto-organização urbana a partir do ponto de vista dos atores sociais envolvidos e como estes atores veem as iniciativas concretas para alcançar a inclusão de interesses locais no processo de desenvolvimento urbano. Através da comparação de dois estudos de caso específicos – os bairros do Alto de Ondina e do Alto da Sereia em Salvador, Bahia –, e levando-se em consideração as condições de vida manifestas em seu cotidiano, se depreendem indutivamente as possibilidades e as restrições para a auto-organização urbana com base nos dados empíricos levantados.

## **2. Contexto idiográfico**

Os dados empíricos apresentados neste artigo foram levantados nos bairros do Alto da Sereia (Rio Vermelho) e do Alto de Ondina (Ondina), os quais são, do ponto de vista socioeconômico, uma exceção na costa atlântica de Salvador. Ambos se localizam na parte sul da cidade e foram invadidos/ocupados coletivamente (GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 291-293).

Com base nos depoimentos recolhidos e na compilação dos dados cartográficos e bibliográficos, pode-se afirmar que os períodos do povoamento

intensivo referem-se aos anos de 1920 no Alto da Sereia (antigamente conhecido como Alto do Bibiane) e aos anos 1980 no Alto de Ondina. Consequentemente, a ocupação do Alto da Sereia é bem mais antiga que aquela do Alto da Ondina e se apresenta como mais consolidada, do ponto de vista de muitos de seus moradores.

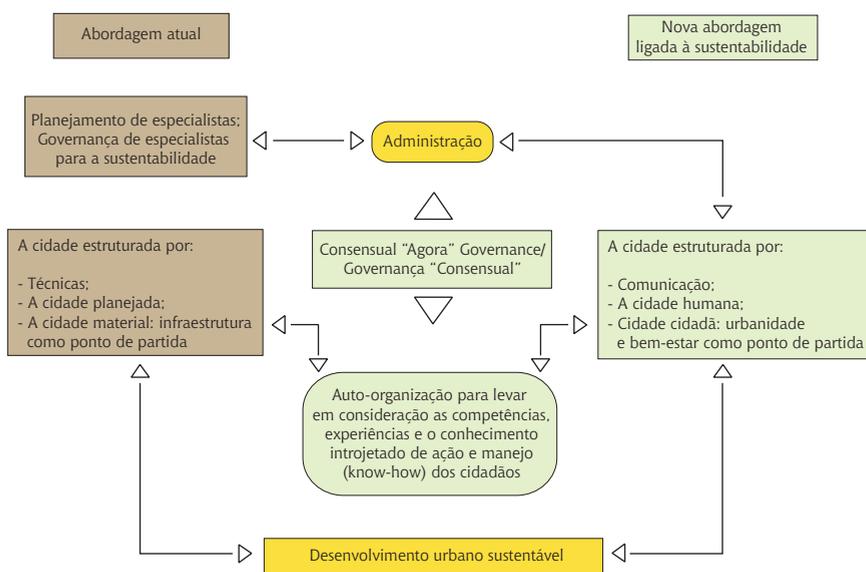
A estrutura demográfica dos dois bairros é diferente quanto ao número de habitantes: o Alto de Ondina tem população de vários milhares de habitantes, enquanto o Alto da Sereia apresenta algumas centenas de moradores, sendo designado como uma “micro-sociedade num micro-bairro” por um dos moradores entrevistados (05<sup>1</sup>/AS<sup>2</sup>/125<sup>3</sup>). O parentesco é outra diferença relacionada à estrutura social destes bairros, pois os habitantes do Alto de Ondina são predominantemente do interior do estado e migraram para Salvador pela ação dos clássicos fatores *push* e *pull*, enquanto que o Alto da Sereia se caracteriza por uma estrutura social mais familiar, a população apresentando diferentes graus de parentesco e relações de vizinhança estabelecidas há pelo menos uma geração. Quando comparados os dois bairros, o Alto da Sereia apresenta estruturas sociais mais homogêneas e consolidadas que o Alto de Ondina. O fato de que o Alto da Sereia é registrado como *Comunidade Quilombola* pelo governo do Estado da Bahia (GOVERNO DA BAHIA, 2005, p. 9) destaca-se também na percepção majoritária de seus moradores.

### **3. Enquadramento conceitual: A cidade humana**

Os fatores componentes do assim denominado micromodelo concretizam a importância da auto-organização para o desenvolvimento urbano sustentável, para a “governança consensual”, de acordo com Korff e Rothfuss (2009). Conforme Weber (2000) e Lefebvre (1996; 2003), a cidade é estruturada através da comunicação, sendo centro de interações, articulações e práticas cotidianas de seus habitantes. Com isto, são centrais as estratégias desenvolvidas por iniciativa própria, por parte dos moradores, no processo de desenvolvimento urbano, porque se originaram de seu ambiente cotidiano de vida, sendo adaptadas a suas circunstâncias. A perspectiva com base no conhecimento de especialistas urbanos altera-se consequentemente em

favor da perspectiva dos cidadãos (KORFF; ROTHFUSS, 2009). Sob essa ótica, é na vida cotidiana dos moradores que vão se desenvolver soluções criativas e inovadoras (HALL, 2000; SERPA, 2011).

**Figura 1**  
**CONSENSUAL GOVERNANCE: CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO URBANO SUSTENTÁVEL**



Fonte: Korff; Rothfuss (2009), p. 366.

O funcionamento do modelo viabiliza uma combinação de estratégias *top-down* e *bottom-up*, que leva a um processo democrático de tomada de decisões em meio aos interesses, em parte conflitantes, no espaço urbano. Com isto, *Consensual Governance* caracteriza um ambiente de acesso livre a todos, no qual as ideias autônomas e as necessidades dos diferentes atores do espaço urbano podem articular-se (KORFF; ROTHFUSS, 2009, p. 361-365). Portanto, a auto-organização é um elemento central do modelo de desenvolvimento urbano sustentável, porque, somente por meio desta articulação de interesses motivados a partir do interior, os pontos de vista e as opiniões dos cidadãos são de fato expressões *autônomas*, com base numa efetiva rede de relações sociais.

#### 4. Procedimentos metodológicos

Os padrões de percepção dos próprios moradores servem como ponto de partida conceitual para a investigação das condições e dos motivos que estão na origem da auto-organização. Dado que os moradores dominam modalidades coletivas de ação cotidiana, baseadas em seu conhecimento introjetado de ação e manejo (*know-how*) e ancoradas em seu mundo cotidiano, eles agem como “especialistas do cotidiano” (HÖRNING, 2001). Resulta que suas estratégias de ação destinadas à superação das condições de vida desiguais fazem sentido, por um lado, e destacam-se, por outro lado, das normas prescritivas de fora, definidas, por exemplo, pelas autoridades públicas ou pelo mercado (HÖRNING, 2001, p. 195-196). Por conseguinte, a análise centrada nos atores sociais se concretiza através da aplicação do repertório da investigação social qualitativa no micro-nível do mundo cotidiano. Com base nos dados empíricos reconstróem-se “os repertórios coletivos, que se manifestam de modo mais ou menos competente como esquemas de sentido e interpretação pelos práticos no/do cotidiano, estruturando e tornando o mundo familiar” (HÖRNING, 2001, p. 195), produzindo-se hipóteses. Para atingir e dar conta das dimensões presentes na realidade da vida humana efetua-se aqui uma apuração indutiva dos dados. A perspectiva do mundo cotidiano, segundo Schütz (1975), serve de paradigma para a compreensão das dimensões de sentido dos moradores do Alto da Sereia e do Alto de Ondina, analisadas conceitualmente a partir das teorias das ciências sociais. A entrevista centrada no problema, conforme Witzel (2000), serve como metodologia de levantamento de dados. A sistematização das entrevistas realizadas baseia-se na análise qualitativa de conteúdo conforme Mayring (2002; 2008), na qual a codificação, de acordo com Strauss e Corbin (1996), é central para ressaltar o micromodelo presente na auto-organização no/do espaço urbano (FLICK, 1996; 2002).

O desenvolvimento do micromodelo baseia-se na comparação dos estudos de caso do Alto de Ondina e do Alto da Sereia. Em consequência disso, a reconstrução das diferentes atitudes e percepções que condicionam a auto-organização se baseia nas opiniões dos moradores entrevistados *nestes* mundos cotidianos, assim como em suas atribuições de sentido e correlações. Com isto, as possibilidades de auto-organização são analisadas

em um contexto concreto, remetendo às circunstâncias e aos processos gerais de “comunitarização” nos bairros desfavorecidos.

O artigo está focado, portanto, nas possibilidades e restrições de auto-organização urbana em bairros desprivilegiados de Salvador, entendendo a auto-organização como articulação autônoma de interesses coletivos.

## **5. Os estudos de caso no Alto da Sereia e no Alto de Ondina: Perspectivas de auto-organização urbana**

Na perspectiva das ciências sociais, a consideração da sociedade inteira, do todo social, é imprescindível para a compreensão das práticas cotidianas, quando se utiliza de entrevistas qualitativas como procedimento metodológico. Nesse contexto, o Brasil é visto como um país de modernidade periférica (SOUZA, 2006, p. 21), da periferia ocidental (SOUZA, 2007, p. 37) ou da periferia do capitalismo (GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 19). Uma característica marcante das sociedades periféricas consiste na desigualdade social que parece imanente ao sistema. Mesmo a superação funcional do passado colonial não permitiu uma homogeneização social e as relações de dependência continuam a existir. O Coeficiente de Gini brasileiro, de 56,7 (INDEX-MUNDI, 2005), ilustra as enormes disparidades de patrimônio e rendimento, se refletindo na configuração urbana das cidades brasileiras: Trata-se de uma separação rígida dos mundos cotidianos, dos privilegiados e dos desprivilegiados, sendo aceita como circunstância objetiva e natural em função de padrões de percepção internalizados (DEFFNER, 2008, p. 34). Em Salvador, a segregação habitacional manifesta-se desde a origem da cidade (SANGODEYI-DABROWSKI, 2003, p. 167; VASCONCELOS, 2002, p. 425-426); hoje, a metrópole mostra-se sob a forma de uma aglomeração policêntrica da modernidade periférica, fragmentada e segregada em termos sociais e habitacionais (GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 19; ANDRADE; BRANDÃO, 2009, p. 99).

Baseadas em valores modernos e implementadas por instituições modernas, a desigualdade social e a sua naturalização no cotidiano apresentam, em consequência disso, “rasgos de modernidade”. Portanto, os mecanismos da desigualdade somente se podem perceber de modo sutil no

cotidiano e suas estruturas são pouco transparentes (SOUZA, 2006, p. 20; SOUZA, 2007, p. 39).

Os divergentes contextos históricos e idiográficos dos pequenos mundos cotidianos do Alto de Ondina e do Alto da Sereia influem na possibilidade de auto-organização de seus moradores. Destacam-se determinantes que expressam o mero potencial de auto-organização (seção 6.1) e os fatores que favorecem este potencial, condicionando sua efetiva realização (seção 6.2).

A seguir, comparam-se os dois estudos de caso demonstrando suas diferenças através da interpretação das entrevistas realizadas.

### 5.1 *Alto de Ondina*

Ao descrever as dificuldades existentes no bairro, os moradores destacam predominantemente déficits infraestruturais. O “saneamento total” citado por um morador demandaria enormes investimentos financeiros, que os habitantes destas localidades não dispõem de meios para conseguir:

*Aqui, só com recurso público para fazer melhoramento porque depende de muito dinheiro. Então, os moradores não têm condições. Os moradores fazem uma tapeação com o buraco, ajeita uma coisa, faz uma limpeza de um canal, mas só a Prefeitura, o Estado, que podem fazer o saneamento total do bairro (11/AO/26-29).*

Os moradores atribuem grande poder à administração pública e a percebem como ator desproporcionalmente presente em seu cotidiano, vendo-a como capaz e ao mesmo tempo responsável de/para impedir e fomentar processos de desenvolvimento urbano (entrevistas 11/AO/26-29, 14/AO/20-21, 10/AO/125-129). Do ponto de vista de um morador, a falta de medidas públicas destinadas à melhoria da qualidade de vida é um assim denominado “jogo de empurra” (11/AO/19). Desta perspectiva resulta uma impotência percebida entre os moradores, de modo que não consideram possível a alternativa de auto-organização, pressionando, deste modo, a administração pública para conseguir melhorias infraestruturais, de sorte que permanecem esperando a ação do poder público nessa direção (entrevistas 10/AO/120-132; 15/AO/14-17; 15/AO/24-26).

Sob a ótica dos moradores, os interesses imobiliários e econômicos sobre seu espaço habitacional (entrevista 13/AO/50-51), por um lado,

e as condições socioeconômicas do bairro, comparadas a outros bairros privilegiados dos arredores (entrevistas 10/AO/109-112; 11/AO/42-47), por outro lado, são as razões pelo desprezo em relação ao Alto de Ondina por parte da Prefeitura. Com base nestes aspectos constrói-se o autorretrato dos moradores da localidade:

*As razões que eles [a administração] não dão, é porque é um bairro humilde. É um bairro dentro da área nobre, mas é um bairro humilde que vão dizer que é uma invasão, certo? Então a Prefeitura não liga (11/AO/42-44).*

*Sinto muito o desprezo, porque sempre tem promessas. Os políticos vêm e sempre dizem que vão fazer, mas nunca fazem. Então, a gente acaba ficando triste com o problema sem poder fazer nada. Você tem um problema, mas não pode fazer nada porque eles não querem. Não os interessa, na realidade eles não têm interesse de fazer nada aqui (13/AO/42-45).*

Os moradores demonstram consciência dos mecanismos da desigualdade, porém não os examinam de modo crítico e explícito nas entrevistas. As estruturas demográficas heterogêneas do Alto de Ondina refletem-se na fraca coesão social dos moradores: *"Quando um é parente dos outros, mas vai vivendo, né. Não tem muita união, não"* (14/AO/59-60).

A coesão social é, no entanto, crucial para alcançar objetivos coletivos. Na ausência de relações solidárias e de amizade (entrevistas 11/AO/49-50; 15/AO/29-32; 16/AO/05-07), é preciso estabelecer um consenso dentro da comunidade para representar os interesses coletivos no exterior, ainda que seja difícil determinar os critérios para alcançá-lo: *"O problema da comunidade é este, também falta este tipo de... eh... consenso... Um consenso contra os políticos... Para poder encarar e conseguir um melhoramento para o bairro"* (10/AO/18-20).

Ainda que os moradores sejam em princípio capazes de organizar-se (10/AO/107), a falta de consenso, combinada com uma competitividade e uma concorrência entre os moradores, explica as iniciativas ineficazes e de pouco sucesso, destinadas originalmente à solução dos problemas da localidade (entrevistas 10/AO/09-16; 13/AO/42-50; 14/AO/23-24). O sentimento de vergonha pelos déficits materiais e a infraestrutura precária no bairro indicam a ausência de identificação de uma moradora com seu mundo cotidiano: *"Mas tem que dizer que um melhoramento tem que ter. Para dizer assim... Que estamos morando num bairro com o qual nos identificamos.*

*Porque aqui às vezes a gente até fica com vergonha de se identificar como moradores do bairro" (10/AO/70-72).*

Devido à passividade da Prefeitura, associada com a ineficácia da associação de moradores do bairro, os moradores sentem-se substancialmente restringidos em sua autodeterminação, fato que leva a uma percebida impotência com respeito à melhoria das estruturas existentes e que desemboca numa atitude resignada e aparentemente indolente: *"Só os políticos têm que encarar. Porque eles têm o poder na mão. Só manda quem tem o poder na mão. Obedece quem é inteligente. Essa é a realidade"* (10/AO/192-194).

## 5.2 Alto da Sereia

Os entrevistados do Alto da Sereia percebem e abordam com frequência as dificuldades sociais presentes na localidade, enfatizando sua solução e colocando menos ênfase nos problemas infraestruturais. Essencialmente, os desafios sociais consistem no enfrentamento do desemprego e do subemprego no intuito de ampliar as perspectivas profissionais dos jovens e das crianças, submetidos ao risco da marginalidade e do narcotráfico. Nesse contexto, os moradores estabelecem relações destes problemas com o grau de escolaridade, por exemplo, além de identificar problemas relacionados à socialização dos jovens na localidade:

*A falta de educação, eu acho que é o principal aqui. Porque, como não tem estudo, as pessoas se conformam com tudo, então não tem assim... Mas tudo bem. Estão sempre conformados com as coisas e não reclamam. Não tem uma comissão mesmo que se une... E se faz e se cobra, tem muita briga de família ainda, um faz alguma coisa que o outro não quer. Então falta a visão de melhoria deles. É como te falei, eles têm muitos problemas na infância, na criação e tudo (07/AS/74-79).*

O Alto da Sereia é reconhecido oficialmente como *Comunidade Quilombola* (GOVERNO DA BAHIA, 2005, p. 9) e existem laços e relações estabelecidos desde pelo menos uma geração. Neste contexto, há uma consciência coletiva entre os moradores que respalda a coesão social, por um lado, e que, por outro lado, favorece a mobilização dos moradores:

*O Alto da Sereia segundo relatos é remanescente de quilombo, então tem uma força cultural muito forte, então isso pesa muito pro nosso lado, é legal porque é um forte aliado pra gente, sendo remanescentes de Quilombos (06/AS/158-160).*

*Então, devido ao fato que a comunidade é tão antiga, existe uma história comum deles, entendeu? E eles são claramente uma cultura muito orgulhosa (05/AS/81-86).*

A complexidade social no Alto da Sereia manifesta-se também na forma de interesses contrastantes e de uma constante dissensão entre os moradores (entrevista 03/AS/04-07). Percebe-se, entre os moradores, estratégias de ação de cunho individualista e, com isto, os assim denominados “bons” relacionamentos sociais não bastam como critério para se alcançar uma auto-organização bem sucedida em longo prazo.

Apesar das dificuldades sociais e infraestruturais, a qualidade de vida percebida pelos moradores do Alto da Sereia é tida como alta. Sob a ótica dos moradores, as características únicas e singulares do bairro geram um sentimento de identificação com o lugar. Baseando-se em experiências concretas, muitos moradores acreditam na comunidade e têm a consciência de que os esforços coletivos podem alcançar os objetivos de melhoria na localidade de modo eficaz: *“Se a comunidade não for unida, não tiver uma associação forte, que bata de frente com os poderes públicos a gente é capaz de sair do Alto da Sereia, porque quem tem grana é quem manda na história”* (06/AS/137-139).

Com referência à Prefeitura, todos os moradores entrevistados acham que a municipalidade finge não conhecer os problemas existentes na localidade (01/AS/78; 01/AS/95-99; 05/AS/304-314), ou os ignora arbitrariamente (06/AS/80-85; 06/AS/107-117; 02/AS/122-126), não se empenhando em atender as reais necessidades dos moradores (08/AS/280-282):

*Eu acho que qualquer brasileiro o mínimo esclarecido ou não, acho que a grande maioria dos brasileiros te responderia a mesma coisa. É esse assunto que você me disse, quer entender se o trabalho do órgão público atende às exigências? Então os brasileiros te diriam não; não somente não atende como é a última das preocupações deles, é a última preocupação dos políticos e administradores é atender às exigências da população no geral, entendeu? Porque para eles a opinião pública significa atender às exigências de vinte por cento da população em primeiro lugar... Entendeu? Que é a faixa que tem poder de compra, a faixa que realmente decide. Porque os outros são todos empregados desses vinte por cento, todos, entende? Todos, infelizmente a estrutura social brasileira faz com que esses critérios nossos de organização social não se apliquem, é tudo uma ficção entendeu? E os brasileiros todos sabem que é, quer dizer aqui pelo menos tem muita desilusão quanto a isso, é uma... é uma fábula essa da democracia (05/AS/851-862).*

Percebe-se que aqui os moradores contextualizam as condições sociais de forma mais pormenorizada e profunda. Da perspectiva dos moradores, as estratégias de ação da administração pública reproduzem e perpetuam a existência de um sistema social assimétrico (entrevista 06/AS/618-628). Em virtude disso, alguns moradores consideram as campanhas eleitorais predominantemente como compra indireta de votos (05/AS/898-912; 06/AS/382-424; 08/AS/145-165; 08/AS/259-269; 03/AS/34-37). Depois dos períodos eleitorais, os bairros desprivilegiados voltam a ser esquecidos pela Prefeitura (02/AS/73-74; 06/AS/71-76): *“Acho que [a Prefeitura] não toma medida porque quando é tempo de eleição todo mundo se preocupa. Joga daqui, joga dali, procuram ajeitar aqui, ali, depois que acaba é o mesmo isolamento, fica esquecido”* (01/AS/91-93).

A auto-organização resulta da percepção das dificuldades encontradas no bairro e dos desafios a vencer. O combate à falta de perspectivas pessoais e profissionais e à falta de atenção dedicada às crianças e aos jovens do bairro são as razões mais frequentes para a mobilização. Os moradores reivindicam um centro cultural para inclusão social de crianças, com acompanhamento das atividades escolares e iniciativas para potencializar sua capacidade física e artística. A conjuntura pode favorecer também a auto-organização como reação a um problema concreto que exige ação coletiva. No Alto da Sereia, isso aconteceu em função da ocupação do chamado *Casarão* pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). A ocupação deste edifício abandonado no bairro favoreceu a retomada das atividades da associação dos moradores no Alto da Sereia (05/AS/136-138):

*Logo se viu que só poderíamos fazer essa operação, se fosse como associação de moradores; então resolvemos fundar, refundar, a Associação dos Moradores (05/AS/144-145).*

*Se esse casarão não fosse invadido, menos de um mês depois de fundar a associação, talvez a gente não tivesse toda essa atenção, entendeu? Mas os caras invadiram, a associação reagiu, toda a população se levantou [...]. Já estava todo mundo estimulado e pronto para a luta (05/AS/361-365).*

O foco inicial no *Casarão* tendeu, nesse momento, para a mobilização dos moradores (entrevista 05/AS/737-739) e levou a uma coesão social mais forte. Porém, o sucesso da ação resultou, paradoxalmente, na retração das atividades coletivas (entrevista 05/AS/327-331). Por conseguinte, o

enfrentamento desse problema agudo ocasionou uma desmobilização conjuntural dos moradores do Alto da Sereia.

Outros fatores que influenciam na auto-organização dos atores no contexto urbano são os recursos disponíveis, os motivos/razões e as redes sociais existentes (GABRIEL, 2005, p. 563-565).

O escasso envolvimento, especialmente de pessoas jovens, nos trabalhos da *Associação dos Moradores do Alto da Sereia* (AMAS) pode ser explicado pela pouca disponibilidade de tempo e pelos poucos recursos financeiros entre os mais jovens, que priorizam seus objetivos pessoais em detrimento dos assuntos de interesse coletivo. Por isso, é difícil sua mobilização com relação à associação dos moradores. Além disso, os valores, as normas e os interesses que fomentam a auto-organização estão presentes apenas em parte na realidade da localidade, mas não são suficientes. Um fator decisivo que condiciona a efetiva auto-organização consiste na identificação dos motivos relevantes, os quais superam a escassez de recursos dos indivíduos:

*Condição tem sim... Depende da vontade de cada um. Quem tem mesmo condição de fazer isso acho que não paga para ver não. [...] Está vendo as condições aqui, mas não diz nada, não reclama (01/AS/47-50).*

O envolvimento ativo em redes sociais é um fator específico para que os diferentes atores e grupos manifestem sua opinião. A intensificação dos contatos sociais e a abertura dos canais de comunicação podem respaldar, portanto, o processo de auto-organização (GABRIEL, 2005, p. 565). Para a constituição da associação dos moradores no Alto da Sereia e a implícita mobilização das pessoas foi necessária uma estratégia de comunicação pessoal e direta no sentido de um “diálogo face a face”. Os iniciadores da mobilização tinham a consciência, por um lado, de que somente por meio de uma relação concreta e pessoal seria possível convencer as pessoas da ideia de uma nova associação dos moradores e, por outro lado, de que uma simples chamada anônima e indireta não prosperaria:

*Então, eles me reconheceram por ter tido essa iniciativa, por ter feito uma coisa que ninguém faria aqui. E realmente fizemos, eu e a minha vizinha daqui da frente que é outra que não tem vergonha na cara, eu e ela saímos e batemos em todas as portas do Alto da Sereia e entregamos duzentos, trezentos papeizinhos dizendo 'Venha, vizinho, venha. Vamos nos juntar, vamos nos reunir e vamos dar vida a uma coisa que sirva para*

todo o mundo' [...] Bom, nasceu com 41 associados, dos quais [...] 13 pessoas eleitas (05/AS/86-95).

Alguns moradores do Alto da Sereia apresentaram, portanto, traços particulares de caráter, os quais teriam um efeito mobilizador sobre outros moradores. O papel das pessoas que se dedicam à educação informal em comunidades locais está ligado estreitamente à função dos “intelectuais orgânicos” no sentido de Gramsci. Pelo fato de um educador ou pedagogo local fazer parte do mesmo mundo cotidiano e representar também seus interesses, ele se percebe como parte do coletivo e assume, em consequência disso, responsabilidades e compromissos com a comunidade.

Os socioeconomicamente desprivilegiados de um bairro são certamente capazes de organizar-se e de formar uma comunidade estruturada sem um assim denominado *Community Organizer* (REESE, 2008, p. 203-204), porém foi preciso a ocorrência de uma dessas pessoas no Alto da Sereia, como as entrevistas o comprovam. A importância para a comunidade dessas personalidades únicas, com carisma no sentido de Weber (1922), seja uma só ou várias, ilustra-se por meio da lástima causada pela demissão da presidente da nova AMAS por razões particulares (07/AS/117-221).

No estudo de caso de Alto de Ondina não foi possível identificar uma tal liderança que considerasse a mobilização da comunidade como particularmente importante, no sentido de uma *tarefa motivada internamente*. A importância de tais personalidades para a auto-organização de comunidades urbanas é, portanto, um fator fundamental.

A iniciativa destacada de um morador no Alto da Sereia pode ser interpretada como ato de pedagogia e educação informal no sentido de um intelectual orgânico, porque ela se manifesta através do processo de conscientização em relação às estruturas da sociedade que, refundando a AMAS, deu-lhe um impulso decisivo.

### 5.3 *Interpretação comparativa entre Alto de Ondina e Alto da Sereia*

Constata-se que estão presentes as estratégias de ação individualista no Alto da Sereia, sendo percebidas especialmente pelos moradores que se empenham no fomento da coesão social fora das estruturas familiares.

A iniciativa da AMAS já permitiu a obtenção de resultados positivos, comprovando a coesão social existente. Porém, ela definitivamente não parece ter atingido o seu máximo potencial, porque se concentra fortemente no ambiente familiar. Comparando-se com o Alto de Ondina, foi possível constatar uma proximidade social mais profunda e a existência de um conjunto solidário de relacionamentos intersociais. No Alto da Sereia, dois pontos em particular se destacam: a) a convicção de muitos moradores de que a coesão social impacta definitivamente e eficazmente na representação dos interesses da comunidade junto ao mundo exterior a ela; b) a motivação desses moradores no sentido de convencer outras pessoas menos engajadas sobre a importância dessa atitude. O Alto da Sereia destaca-se do Alto de Ondina justamente por esses atributos, porque a desilusão resignada predomina no Alto de Ondina.

No âmbito das entrevistas individuais realizadas no Alto da Sereia são feitas alusões a determinantes socio-históricos subjetivamente percebidos, que são relevantes para a formação de um coletivo organizado. Do ponto de vista de um morador, a existência de estratégias individualistas de ação se deve ao comportamento das elites que impedem conscientemente a coesão social para, com isso, manter as relações de poder existentes. Também o fato de que a sociedade não aprendeu a perseguir seus objetivos de forma coletiva fez com que ainda hoje exista uma escassa coesão:

*A gente aqui, pessoal de Salvador, é muito acomodado, sacou? Tudo tá bom, maravilhoso [sarcasmo]. Ter paciência é massa, ser pacífico. Mas ser pacífico até demais não dá, né? Acomodado, sacou? Salvador não oferece um pessoal para mobilizar a gente (06/AS/314-317).*

Da perspectiva dos moradores, a passividade e o conformismo da sociedade estão também ligados à escassa autoconfiança reforçada pela socialização, a qual faz com que as pessoas esperem por soluções vindas de fora, ou seja, das instituições públicas, porque não têm desenvolvido o costume de resolver suas dificuldades de modo autônomo (07/AS/79-86).

Assim, é fundamental que a sociedade reconheça, por um lado, a importância de agir autonomamente, no sentido de Freire, e, por outro, que não pode transferir a responsabilidade para estruturas externas de poder. No seguinte excerto de uma entrevista realizada, formula-se claramente que a organização tem que vir “de baixo”:

*Quer dizer, no Brasil existem problemas de estrutura social, o que é muito grave e que gerou um sistema de organização, entre aspas organização, de desorganização pública. Que às vezes é monstruoso, então as pessoas estão começando a entender que a organização tem que vir de baixo (05/AS/687-690).*

A estrutura social paternalista no Brasil implica desafios enormes no que se refere à auto-organização da sociedade, porque dependências e relações de poder históricas não perderam ainda seu impacto.

Outro ponto de referência para a constituição da auto-percepção entre os moradores consiste nas oportunidades de mobilidade social porque esta permite um posicionamento da própria situação no âmbito das estruturas sociais existentes. No Alto da Sereia a educação como símbolo de status desempenha um papel essencial, tanto no que se refere à mobilidade social, quanto à construção de uma autoimagem coletiva, enquanto que no Alto de Ondina é considerada como uma prioridade secundária.

O único morador entrevistado no Alto de Ondina que exprimiu sua opinião com referência a este assunto evidenciou que o nível de educação é mantido deliberadamente baixo pelo sistema para evitar o questionamento crítico por parte dos moradores, fato que poderia levar a consequências concretas de ação:

*O Governo não quer você inteligente, senão você vai recorrer seu direito. Eles não querem isso, eles não querem pessoas inteligentes. Então o Governo age daquela forma. Ele acha que é uma luz, uma água encanada para muitos é tudo, mas não é nada. A questão de moradia poderia ser melhorada, a questão da educação poderia ser melhorada também, que é uma coisa a desejar [...] Esses são os agravantes daqui da região (12/AO/30-37).*

O reconhecimento dos mecanismos de funcionamento da sociedade influi na atitude de respeito frente à própria autoimagem, enquanto a ignorância desses mecanismos causa um sentimento de inferioridade em relação à própria situação. O reconhecimento destes mecanismos pode criar, portanto, proficuas soluções alternativas. Os entrevistados no Alto da Sereia, em particular, mostraram uma clara compreensão e uma consciência maior sobre os mecanismos de funcionamento da sociedade de tal forma que muitos moradores refletiram sobre sua posição criticamente e em um nível abstrato e superior no âmbito das entrevistas. A maioria dos moradores no Alto de Ondina não analisou sua própria situação no

contexto total da sociedade, criando, assim, uma autoimagem, em muitos casos, que não estava ligada às relações desiguais de poder na sociedade, que se refletem nos rendimentos e nas oportunidades de vida.

Pode-se constatar, finalmente, que os entrevistados de ambos os bairros têm consciência de sua posição socioeconômica no contexto da sociedade inteira. Porém, destacam-se diferenças fundamentais relativamente à maneira como lidam com a autoimagem coletiva: Os moradores do Alto de Ondina encaram sua situação de forma resignada e percebem sua autoimagem constituída principalmente de fatores externos, como uma realidade invariável e constante. Por meio do reconhecimento dos mecanismos de funcionamento social, os moradores do Alto da Sereia constroem uma autoimagem mais autônoma e autoconfiante. Por outro lado, é certo também que se sentem tratados de forma injusta como resultado de fatores externos. Essa consciência, por enquanto, encontra-se em estágio experimental de métodos de ação no âmbito de possibilidades potencialmente colocadas.

## **6. Processo de reconhecimento e conscientização no decurso da auto-organização**

O contexto científico social da modernidade periférica como ponto teórico de partida define as condições da sociedade para a auto-organização no Brasil. Levando em consideração as relações de poder assimétricas, a conscientização no sentido de Freire (1987) é central no processo de auto-organização.

Ela transcende o processo inteiro, porque

somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua 'convivência' com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 1987, p. 52).

Para atuar, Gramsci (1986) também destaca a importância da conscientização dos indivíduos, motivados a superar sua situação no contexto

das relações de poder existentes (BURKE, 1999; 2005). Gramsci e Burke acreditam que o processo de conscientização é fundamental para criar estratégias de ação autônomas e *coletivas* visando ao afastamento das relações de dependência existentes.

O micromodelo aqui desenvolvido ilustra, primeiramente, os indicadores da mera possibilidade teórica da auto-organização, que se entendem como reconhecimento a nível intelectual, e, em segundo lugar, os fatores reais da auto-organização, que definem a implementação e a realização desses recursos teóricos e intelectuais em forma de ação. Durante o processo de investigação, os seguintes pontos de referência foram reveladores do processo de conscientização, segundo Freire (1987) e Gramsci (1986): o modo como os moradores entrevistados percebem as dificuldades presentes no cotidiano, a construção de sua autoimagem, assim como a forma coletiva de manejar o contexto social.

Os dados empíricos indicaram que aqueles moradores predominantemente conscientes dos problemas infraestruturais no bairro ainda não desenvolveram, de modo definitivo, esse processo de conscientização – fato que, em grande parte, diminui sua motivação pela auto-organização – enquanto os moradores que apresentam uma percepção mais abrangente das dificuldades dispõem de uma maior motivação para lutar por transformações a longo prazo.

Em ambos os bairros, a própria situação social foi associada a sentimentos de inferioridade socioeconômica e ao estigma daí resultante (DEFFNER, 2010). A conscientização dos mecanismos de funcionamento social influi de maneira decisiva no modo de enfrentar a própria autoimagem. Esta consciência define se os moradores estão simplesmente descontentes com sua autoimagem mas não compreendem as causas de sua posição social ou se, em contrapartida, fundamentam sua reflexão relativa às estratégias coletivas de ação justamente nessa consciência, para lidar com os mecanismos sociais existentes.

No manejo da própria posição no contexto da sociedade foi possível distinguir atitudes de orientação *output* e *input*, ou seja, tendências respectivamente de externalização e internalização. No Alto de Ondina existe uma orientação *output* no que se refere à associação dos moradores e à Prefeitura, isto é, somente se avaliam os *resultados* de certas ações, sendo

estas, porém, consideradas insatisfatórias na perspectiva dos moradores. Não se considera o *input* necessário, ou seja, os moradores não percebem os investimentos por trás das estratégias de ação e ignoram, ou têm perdido de vista, sua própria liberdade de ação. Isso se deve ao fato de que a maioria dos moradores não dispõe de capacidade cognitiva e avaliativa em relação às estruturas sociais existentes.

No Alto da Sereia, a permanência de estruturas desiguais é claramente ancorada e presente na consciência de muitos moradores, fato pelo qual eles não demonstram uma atitude de expectativa passiva, como no Alto de Ondina. As estruturas existentes devem ser compreendidas, pelo contrário, como condições gerais para ações coletivas de iniciativa própria. Os moradores estabelecem uma relação de causalidade entre comunidades auto-organizadas e a atenção recebida por parte das instituições: *“Os órgãos públicos se fiam no fato que a galera não se organiza, que a galera não está preparada”* (05/AS/662-664).

Em consequência disso, os moradores do Alto da Sereia têm consciência do potencial de amplificação de seu poder, o que seria possível por meio da auto-organização. Assim sendo, criam padrões alternativos de ação e estão dispostos a empenhar-se de forma construtiva em vez de isolar-se resignadamente. Tendo como pano de fundo a desorganização institucional, o reconhecimento que o desenvolvimento tem que vir “de baixo”, isto é por meio de estratégias *bottom-up*, está claramente presente na consciência de uma parte dos moradores do Alto da Sereia, ainda que alguns priorizem estratégias individualistas para reduzir os próprios riscos.

A mera possibilidade de auto-organização entende-se, por isso, como início de um processo de conscientização coletiva. Contudo, se não houver uma consciência dos mecanismos de funcionamento da sociedade por parte dos moradores, estes se sentem como meros objetos das ações públicas, com possibilidades restritas de autodeterminação, o que leva a uma impotência percebida em relação às estruturas existentes, desembocando em um sentimento de passividade e agonia. A transformação de predisposições potenciais em um coletivo realmente organizado requer, além disso, uma implementação coletiva de ações. Assim, as dimensões política e pedagógica, no sentido de Freire (1987) e Gramsci (1986), acompanham o processo inteiro de auto-organização como elementos condicionadores,

porque a auto-organização se compreende como um processo de aprendizagem, levando ao reconhecimento de possibilidades de mudança.

### 6.1 *Suposições de auto-organização urbana*

Com base nas constatações empíricas pode-se identificar outras determinantes da auto-organização. Combinados com a conscientização, estes fatores devem ser compreendidos como predisposições sociais e idiográficas que constituem o potencial fundamental para a auto-organização e seu processo. Não são independentes um do outro, ou seja, se condicionam mútua e sucessivamente.

**Orientação.** O conceito de orientação é entendido como a capacidade de conhecer os próprios interesses para construir, com base neste conhecimento, um estilo de vida próprio, formulando os objetivos pessoais e articulando sua posição de modo autodeterminado. Somente por meio de orientação podem existir a motivação para alcançar um caráter político e coletivo que se sobreponha aos interesses individuais, bem como a vontade de viver a auto-organização nas práticas cotidianas para representar estes interesses.

O fator orientação é particularmente condicionado pela socialização. Devido às experiências de exclusão sofridas durante a infância e a adolescência, os jovens padecem de um marcante desinteresse e dispõem de uma gama pouco abrangente de perspectivas de vida, fato este que os leva a encarar a possibilidade de auto-organização como raramente relevante, porque não acreditam serem capazes de poder alterar as circunstâncias e, também, porque os problemas são em geral ignorados. O baixo potencial de indignação e o conformismo com as estruturas sociais e relações de poder existentes decorrem desta desorientação geral.

**Sentimento de identificação com o mundo cotidiano.** A qualidade de vida percebida ilustra o grau de identificação com o mundo cotidiano, podendo fomentar um sentimento de “patriotismo local” compartilhado coletivamente, aumentando a motivação dos indivíduos para se apoderarem de estratégias coletivas de ação por meio da auto-organização. A auto-organização é mais valorizada, portanto, se existe um sentimento

*coletivo* de identificação, o que significa um valor acrescentado ao lugar pelos moradores (OSTROM, 1990).

**A negociação de interesses divergentes “na rua”.** Para possibilitar a auto-organização e a mudança, é preciso um consenso mínimo entre os moradores, ou seja, interesses divergentes devem ser negociados publicamente na vida cotidiana e fora de um enquadramento institucional. Como os moradores se empenham pela organização estratégica de seu mundo cotidiano por motivos próprios, as iniciativas auto-organizadas alcançam desse modo certa estabilidade e uma continuidade. Para isso, é preciso uma orientação *input* dos moradores. Assim, a auto-organização pode desenvolver-se no sentido de reunião das liberdades individuais de ação em direção a uma iniciativa *coletiva*.

**Coesão social.** Superando o nível privado de amizades e solidariedade no bairro e baseando-se em objetivos coletivamente definidos, a coesão social se entende como rede de relacionamentos intersociais (consistindo dos chamados “strong ties” no sentido de GRANNOVETTER, 1973). Nesse contexto, a confiança entre os moradores é um critério fundamental. A coesão social também é responsável pela autoconfiança que se requer para representar interesses coletivos no mundo exterior e para reduzir a influência de estruturas externas de poder.

## 6.2 A realização da auto-organização

Alto da Sereia e Alto de Ondina distinguem-se pelos fatores relativos à auto-organização real. A AMAS (*Associação dos Moradores do Alto da Sereia*) é um exemplo de uma iniciativa auto-organizada. Contudo, as seguintes dimensões não podem ainda ser identificadas no Alto de Ondina:

**Motivos habituais ou situacionais da auto-organização real:** Motivos habituais da auto-organização real resultam da percepção permanente dos desafios a vencer no bairro. Desenvolvido indutivamente, o conceito de auto-organização pode ser complementado pelo conceito da atuação social, segundo Weber (1984). Os atores (aqui: os iniciadores dos projetos) ligam seu comportamento a um sentido subjetivo baseado em intenções, motivos e objetivos. Este sentido se refere também ao comportamento de outras pessoas. Motivos habituais de auto-organização estão conectados também

ao conceito de *habitus*, segundo Bourdieu (1979), que gera certos padrões de percepção e avaliação, assim como disposições de atuação socialmente definidas. As normas e os valores condicionados pela classe social desempenham um papel essencial neste contexto, porque criam os motivos decisivos que influem na percepção concreta e a seguida implementação de práticas que embasem a auto-organização.

Os fatores ***recursos, motivos e redes sociais***, fundamentados no modelo de recursos, mobilização e socialização, segundo Verba, Schlozman e Brady (1995) (apud GABRIEL, 2005) fomentaram iniciativas de auto-organização no Alto da Sereia. A constelação dos fatores determina o desenvolvimento de capital social e os *motivos*, assim como as *redes sociais* têm uma importância particular neste processo. As iniciativas auto-organizadas somente podem prosperar na base de uma motivação *propria*, agindo, desta forma, a favor do bem comum no longo prazo. O envolvimento ativo dos moradores em redes sociais abre canais de comunicação favoráveis à auto-organização e oferece um mútuo apoio psicológico, fortalecendo os moradores em sua atuação e alcançando, deste modo, uma mobilização coletiva. Dado que os motivos e as redes sociais são fatores de presença forte e definitiva, a relevância dos recursos individuais se reduz neste contexto, porque cada pessoa possui certas capacidades favoráveis para a comunidade. A transformação dos recursos individuais em recursos cognitivos é fundamental. Por conseguinte, depende dos *motivos* e das *redes sociais*, se as pessoas investem seus recursos pessoais em favor da comunidade. Fomentando o processo de auto-organização, os recursos se entendem como variável dependente.

No contexto dessa constelação de fatores, são as pessoas que mantêm relacionamentos de confiança com seu meio social e que apoiam certos valores e normas coletivos em prol da comunidade, que estarão muito provavelmente dispostas a empenhar-se pela comunidade, a estabelecer iniciativas de auto-organização ou a envolver-se numa organização já existente. Essa “interação entre o empenho social, a confiança intersocial e o apoio de normas e valores favoráveis à comunidade” (GABRIEL, 2005, p. 565) resume-se no conceito de capital social, segundo Putnam (1993; 2000) (apud GABRIEL, 2005).

**Os intelectuais orgânicos** (GRAMSCI, 1986) fazem parte do mundo cotidiano e influem decididamente no processo de auto-organização. Criando uma consciência crítica para a sociedade (BURKE, 1999; 2005) e fomentando o processo de conscientização no sentido de Freire (1987), promovem processos de aprendizagem e educação no bairro e agem como pedagogos informais. O reconhecimento emocional por parte do meio social pode criar uma orientação através dessas personalidades de liderança cuja atuação tem um efeito inspirador e pioneiro. Esta coerência deixa-se explicar pelo conceito de carisma de Weber (1922). O carisma, juntamente com uma confiança comprovada que os moradores têm neste líder, tem um efeito de mobilização e de solidariedade. Um líder carismático percebe o próprio empenho pelo bem comum como *uma tarefa inerentemente motivada*, ou seja, age na condição de voluntário e sem lucros econômicos. No Alto da Sereia foi possível identificar pessoas singulares que se empenham ativamente em uma mudança das circunstâncias de vida no sentido de uma nova orientação e que podem, conseqüentemente, ser denominadas de intelectuais orgânicos.

## 7. Os desafios e limites da auto-organização urbana

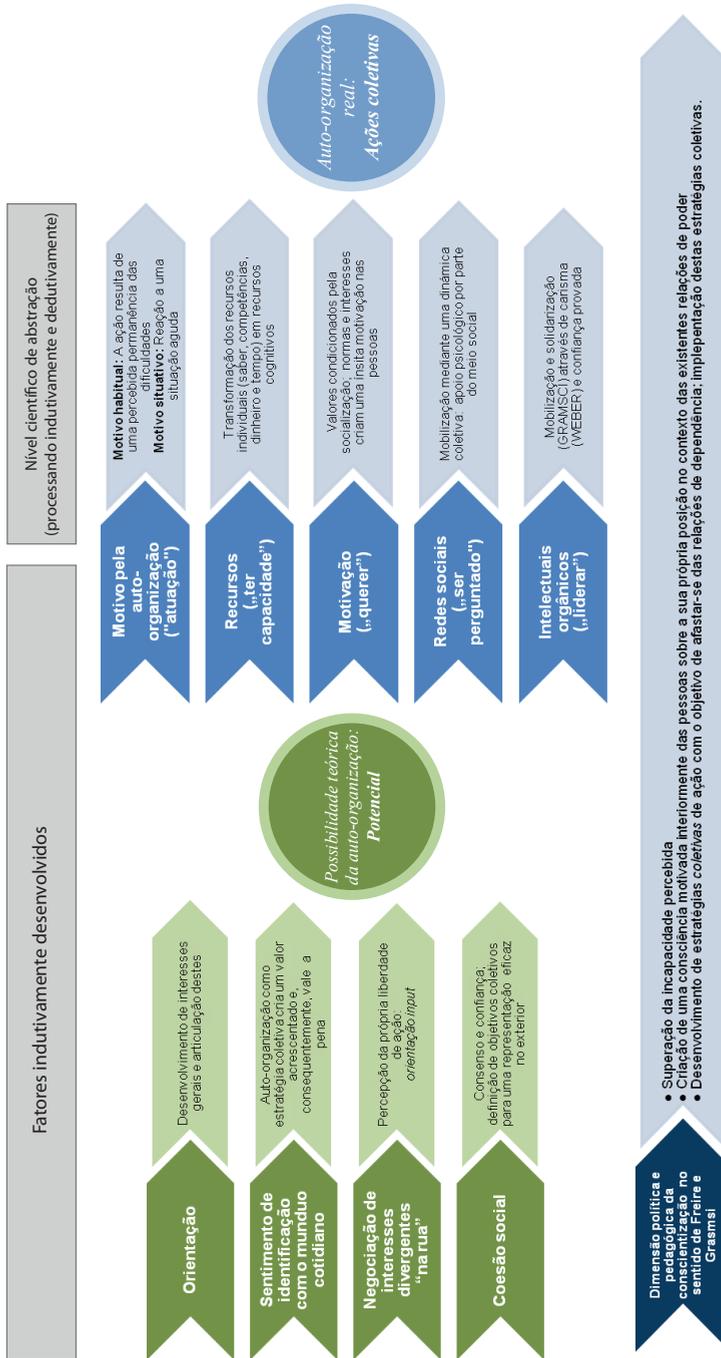
A internalização de estratégias individuais de ação durante o período de socialização, por um lado, e a percepção idiográfica das estruturas institucionais marcadamente corruptas e clientelistas no domínio público, por outro lado, levam à desmoralização das *normas coletivas*. Essa postura de desconfiança está ancorada na consciência dos moradores e retira a base coletiva de confiança que é necessária para a auto-organização. Muitos moradores não têm consciência da possibilidade de auto-organização e demonstram uma “resistência psicológica” (05/AS/533; 05/AS/555) frente às iniciativas.

O modelo *Consensual (“Agora”) Governance* é compreendido como ambiente de acesso livre, no qual necessidades e ideias autônomas e de atores diferentes no espaço urbano podem articular-se. O modelo contém a “cidade humana” dos cidadãos e a “cidade da infraestrutura” dos especialistas e da administração. Por meio de comunidades auto-organizadas

pode-se modificar a perspectiva dos especialistas em favor da perspectiva dos cidadãos, possibilitando um desenvolvimento urbano baseado no consenso. Caso os fatores de auto-organização ilustrados no presente artigo existam na vida cotidiana, os pontos de vista e as opiniões dos cidadãos são expressões *autônomas*, com base em uma rede de relacionamentos sociais, e que possibilitam a integração de suas competências no processo de desenvolvimento urbano.

Um fator fundamental para evitar a exclusão, obter uma participação autêntica dos cidadãos e gerar um desenvolvimento urbano sustentável consiste na qualidade das interfaces entre os grupos auto-organizados e a administração pública. As atividades informais, o empenho existente, assim como os recursos já disponíveis por parte das comunidades locais podem ser identificados no espaço urbano e destacados no processo de desenvolvimento urbano. Por essa razão, não se trata de melhorar o planejamento urbano por meio de conceitos tecnocráticos e instrumentais “inovadores”, mas sim de apoiar as soluções cotidianas existentes, que se desenvolveram autonomamente no mundo cotidiano dos cidadãos.

Figura 2



## Notas

<sup>1</sup> Número da pessoa entrevistada.

<sup>2</sup> Origem da pessoa entrevistada (AO denomina Alto da Ondina, AS denomina Alto da Sereia).

<sup>3</sup> Número de linhas na documentação das entrevistas.

## Referências

ANDRADE, A.; BRANDÃO, P. **Geografia de Salvador**. Salvador da Bahia: EDUFBA, 2009.

BERNER, E., PHILIPPS, B. Selbsthilfe oder unterlassene Hilfeleistung? Die Flucht des Entwicklungsstaats aus der Fürsorgepflicht. **Peripherie**, Jg. 24, H. 96, S. 500-514, 2004.

BOURDIEU, P. **Die feinen Unterschiede**. Kritik der gesellschaftlichen Urteilskraft. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1979.

BURKE, B. **Antonio Gramsci, schooling and education**. Herausgegeben von The Encyclopedia of Informal Education, 1999; 2005. Online verfügbar unter <<http://www.infed.org/thinkers/et-gram.htm>>, zuletzt geprüft am 01.11.2010.

DEFFNER, V. Stimmen aus der Favela. Naturalisierung sozialer Ungleichheit 'von unten' in Brasiliens Städten. **Passauer Kontaktstudium Erdkunde - Entwicklungskontraste in den Americas**, S. 27-49, 2008.

DEFFNER, V. Habitus der Scham – die soziale Grammatik ungleicher Raumproduktion. Eine sozialgeographische Untersuchung der Alltagswelt Favela in Salvador da Bahia (Brasilien). **Passauer Schriften zur Geographie**, Passau, n. 26, 2010.

FLICK, U. **Qualitative Forschung**. Theorie, Methoden, Anwendung in Psychologie und Sozialwissenschaften. 2. Auflage. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt-Taschenbuch-Verlag (Rowohlts Enzyklopädie, 546), 1996.

FLICK, U. **Qualitative Sozialforschung**. Eine Einführung. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt-Taschenbuch-Verlag (Rowohlts Enzyklopädie, 55654), 2002.

FREIRE, P. **Pädagogik der Unterdrückten**. Bildung als Praxis der Freiheit. Hamburg: Rororo, 1987.

GABRIEL, O. **Handbuch politisches System der Bundesrepublik Deutschland**. München: Oldenbourg (Lehr- und Handbücher der Politikwissenschaft), 2005.

GORDILHO-SOUZA, A. **Limites do habitar**. Segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOVERNO DA BAHIA. **BAHIA - Municípios com Registro de Comunidades Quilombolas 2005**. Secretária de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. Superintendência de Agricultura Familiar, 2005. <<http://www.seagri.ba.gov.br/Comunidades%20Quilombolas.pdf>>, zuletzt geprüft am 30.12.2010.

GRAMSCI, A. **Zu Politik, Geschichte und Kultur** – Ausgewählte Schriften. Frankfurt a. M, 1986.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, n. 78 (1973), S. 1360-1380, 1973.

GUKENBIEHL, H.; SCHERR, A. Soziales Handeln. In: SCHÄFFERS, Bernhard; KOPP, Johannes (Hg.): **Grundbegriffe der Soziologie**. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2006. S. 101-103.

HALL, P. G. Creative Cities and Economic Development. **Urban Studies**, n. 37, S. 639-49, 2000.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialektik der Aufklärung**. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1988.

HÖRNING, K. **Experten des Alltags**. Die Wiederentdeckung des praktischen Wissens. Weilerswist: Velbrück Wissenschaft, 2001.

INDEX MUNDI Brazil. **Distribution of family income - Gini index**, 2005. Online verfügbar unter <[http://www.indexmundi.com/brazil/distribution\\_of\\_family\\_income\\_gini\\_index.html](http://www.indexmundi.com/brazil/distribution_of_family_income_gini_index.html)>, zuletzt geprüft am 29.12.2010.

KORFF, R.; ROTHFUSS, E. Urban Revolution as Catastrophe or Solution? Governance of Megacities in the Global South. Städtische Revolution als Katastrophe oder Lösung? Governance von Megastädten in den Ländern des Südens. **Die Erde**, Jg. 140, H. 4, S. 355-370, 2009.

LEFEBVRE, H. **Writings on Cities**. Oxford, 1996.

LEFEBVRE, H. **The Urban Revolution**. Minneapolis, 2003 [1968].

MAYNTZ, R. **Transition to sustainable development**: Lessons from governance theory. [http://www.ksinetwork.nl/downloads/output/Mayntz\\_nov\\_2006.pdf](http://www.ksinetwork.nl/downloads/output/Mayntz_nov_2006.pdf), 2006.

MAYNTZ, R.; SCHARPF, F. W. Der Ansatz des akteurszentrierten Institutionalismus. In: MAYNTZ, R.; SCHARPF, F. W. (ed.). **Gesellschaftliche Selbstregulierung und politische Steuerung**. Frankfurt/New York: Campus, 1995. S. 39-72.

MAYRING, P. **Einführung in die qualitative Sozialforschung**. Eine Anleitung zu qualitativem Denken. Weinheim: Beltz (Beltz Studium), 2002.

MAYRING, P. **Qualitative Inhaltsanalyse**. Grundlagen und Techniken. Weinheim: Beltz (Beltz Pädagogik), 2008.

MOTTA, R. Paradigmas de interpretação das relações raciais no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 38, p. 113-133, 2000. Online verfügbar unter <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2000000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2000000200006&script=sci_arttext)>, zuletzt geprüft am 14.03.2010.

OSTROM, E. **Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action**, Cambridge, 1990.

PETERMAN, W. **Neighborhood Planning and Community-based Development**. The Potential and Limits of Grassroots Action. Thousand Oaks, California: SAGE (Cities & Planning Series), 2000.

REESE, N. Zu dumm um sich zu wehren? Die "gemeinen Menschen", die Politik und der Widerstand. In: ALTENHAIN, C.; DANILINA, A.a; HILDEBRANDT, E.; KAUSCH, S.; MÜLLER, A.; ROSCHER, T. (Hg.). **Von "Neuer Unterschicht" und Prekariat**. Gesellschaftliche Verhältnisse und Kategorien im Umbruch. Kritische Perspektiven auf aktuelle Debatten: Transcript (Sozialtheorie), 2008. S. 195–216.

ROSA D'AVILA, M. **Zur Einsatzmöglichkeit nichtkonventioneller Bauweisen im genossenschaftlich organisierten sozialen Wohnungsbau für Rio Grande do Sul, Brasilien**. Dissertation zur Erlangung des Doktorgrades. Betreut von Prof. Dr. Gernot Minke. Kassel. Universität Kassel, 2006.

ROTHFUSS, E. Soziale Ungleichheit in Brasilien. Entwicklungskontraste in den Americas, **H. Passauer Kontaktstudium Erdkunde**, n. 9, S. 11-26, 2008.

ROTHFUSS, E. **Exklusion im Zentrum**. Die brasilianische Favela zwischen Stigmatisierung und Widerständigkeit. Bielefeldt: transcript, 2012.

SANGODEYI-DABROWSKI, D. (2003): As raízes ideológicas da segregação no Brasil: o exemplo de Salvador. In: JUNIOR, M. E.; URIARTE, U. M. (Org.). **Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade**. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 163–184.

SCHÜTZ, A. **Strukturen der Lebenswelt**. Neuwied: Luchterhand, 1975.

SCOTT, J. C. **Weapons of the Weak**. Everyday Forms of Peasant Resistance. New Haven / London: Yale University Press, 1985.

SERPA, A. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, J. Die soziale Grammatik der peripheren Ungleichheit: Für ein neues Paradigma zum Verständnis der peripheren Gesellschaften. KÜHN, T.; SOUZA, J. (Hg.). **Das moderne Brasilien**. Gesellschaft, Politik, Kultur in der Peripherie des Westens. Wiesbaden, 2006. S. 20-48.

SOUZA, J. Großstädte in Lateinamerika – Ungleicher Lebensalltag in der Peripherie des Westens. In: ROTHFUSS, E.; GAMERITH, W. (Hg.). **Stadtwelten in den Americas**. Passauer Schriften zur Geographie 23. Passau, 2007. S. 37-40.

SOUZA, J. **Die Naturalisierung der Ungleichheit**. Ein neues Paradigma zum Verständnis peripherer Gesellschaften. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2008.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques**. Sage Publications Inc., 1996.

VASCONCELOS, P. **Salvador: Transformações e Permanências (1549-1999)**. Ilhéus: EDITUS, 2002.

WEBER, M. **Wirtschaft und Gesellschaft**. Grundriss der verstehenden Soziologie. Tübingen: Mohr, 1922.

WEBER, M. **Wirtschaft und Gesellschaft**. Nachlaß Teilband 5: Die Stadt. Studienausgabe. Tübingen: J.C.B. Mohr, 2000.

WITZEL, A. The problem-centered interview. **Forum: Qualitative Social Research**, 1(1), Art. 22 (<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0001228>), 2000.

Recebido em: 02/01/2013

Aceito em: 30/03/2013